



Frou-Frou...

ANNO I - NUM 10

MAGAZINE MENSAL

MARÇO 1924

Propriedade de S. SANTOS & COMP.

Director: HERMES FONTES

Director - Gerente: Manoel Santos

Preço:

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Correspondencia á Caixa 572

Rio e Estado 2\$500
Numero atrazado 3\$000
Assignatura (um anno) 35\$000

Avenida Rio Branco n. 110

RIO DE JANEIRO

Composta e impressa nas officinas

End. Tel. FROUFROU - RIO

do "Jornal do Brasil"

LA DONNE E MOBILE...

Com o presente numero *Frou-frou* se transforma. Evolve de si mesma para si mesma. Renova-se. Mantidas as mesmas disposições de corpo, o fei- tio e as apparencias, *Frou-frou*, sem transfugir nem refugir, vae criar alma nova.

Bafejada de um publico mais feminino que masculino, por isso mesmo talvez mais selecto, não é facil perceber e justificar essa renovação, sinão — *la donne e mobile* — por um falso criterio de feminilidade.

Mas não é isso. E' precisamente o contrario.

Aproveitando-se, em bom sentido, desse publico feminino que lhe con- solida o prestigio e lhe augmenta a circulação de mez para mez, *Frou-frou* quer reunir o estavel ao instavel, a belleza e a força, a elegancia e o espirito, a inconstancia das modas e a constancia do caracter.

O Brasil atravessa a "idade confusa", no capitulo intimo do caracter nacional. Ninguem quer pensar, nem opinar. Os homens vivem sem um objectivo superior e as lentejoulas da cultura e os requintes da maior ag- gregação social mal disfarçam a geral tendencia para a volta cyclica aos ins- tinctos animalares. Ganhar sem ver os meios, gozar sem ver os fins...

E justamente os que mais se automatizam na corrida cega de cada dia, para ter mais e valer mais, são os que sorriem dos inexgotaveis recursos da alma feminina e julgam resumir-lhe a mysteriosa psyche numa copla de revista ou numa pauta de opera lyrica: *La donne e mobile*.

Frou-frou — revista de mundanidade e elegancia, será, d'ora avante, um modesto thermometro da temperatura moral do ambiente brasileiro e do movimento das idéas e das opiniões aqui e ali, collhendo-as, commentando-as ou possibilitando-as na boa emulação dos interesses e dos sentimentos.

Ce que femme veut...

A mulher e a sociogenia!

Evidentemente, a mulher é bem mais que uma boneca. E antes ser mesmo uma boneca do que um estafermo vivo da *Salvation Army* ou de qual- quer club suffragista... O dominio da mulher é um facto. Mas

não basta dominar pelo sorriso e pelo decôte. E' preciso do- minar pelo exemplo e pelas opiniões. E ali está porque

Frou-frou, sem deixar de ser frivola, *quantum satis*, será conceituosa *quantum possibilis*.

E, com a ajuda dos leitores (e das leitoras), não perderemos o latim...

A RAINHA DE SABA'

(De MARCIANO ZURITA)

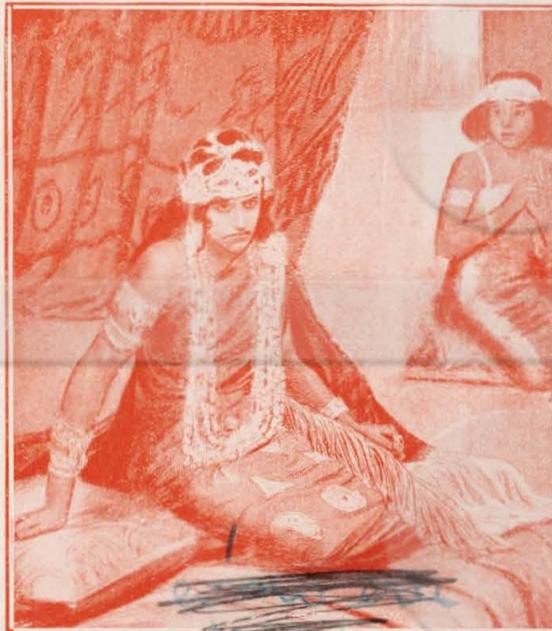


MAIS do que para ouvir ao homem sabio e para egualar-se ao homem poderoso, a arabe Rainha de Sabá chegou a Jerusalem guiada por uma ardente curiosidade feminina. Os ageis remeiros de Hiram haviam-lhe fallado de Salomão de seus prulentes discursos e de seus duleíssimos cantos, de seu templo guarnecido de ouro e de seu throno tallado em marfim, de suas areas esplendidas e de seus vestuarios gentis, de seus valiosos perfumes e de suas riquissimas joias... Fallaram-lhe tambem do Deus de Salomão, poderoso, unio e forte; austero, simples e justo; magnanimo, solenne e glorioso, que tinha por assento as nuvens de purpura e por doce as estrellas; que fallava com o trovão, chorava com a chuva e olhava com o sol; um Deus, enfim, deante de cuja presença se turbavam os homens, as montanhas estremeciam e os astros sustinham seu curso, tremulos de pavor.

E fallavam-lhe, por ultimo, dos amores de Salomão, repartidos entre setecentas mulheres e trezentas concubinas.

A Rainha de Sabá não sentiu inquietação alguma pelas riquezas incontaveis do Rei de Israel, nem invejou sua sciencia, nem desejou seu poderio, que ella tinha jacynthos e pedras sardieas, e os poetas a cantavam, aos pés de seu solio, e seus vastos dominios se extendiam por lumi los valles, onde as palmeiras offereciam tamaras mais louras do que as donzellas do Libano, e offereciam as romanzeiras o seu grento holo causto de seus fructos incen lidos. Tampouco inquietou-lhe o Deus israelita, nem sua força e sublimidade lhe causaram maravilha, que ella conhecia a eternidade de Brama, synthetisado nos quatro Vedas, e tinha no seu Throno os quatro symbolos de Viehnú: uma clava de ouro, uma concha de nácar, um disco de esmeralda e uma flor de lotus... O que a preoccupou intimamente foi aquelle milhar de mulheres, que nas salas silenciosas do harem salomonico esperavam, tremulas de emoção, as piedosas caricias do ama lo, mais presentiu do que visto. Quem eram essas mulheres? Estavam realmente enamoradas de seu dono, ou impunham-lhes este um carinho forçado e brutal? Não haveria, entre todas ellas, uma só, que por sua belleza, sua elegancia, sua ternura, pelos attractivos de seu corpo ou pelas qualidades de seu espirito, fosse capaz de constituir-se em esposa unica do polygamo monarcha?... Oh as mulheres de Israel

não deviam ser formosas, nem conhecer os magos segredos da sedução!... E a Rainha de Sabá ardeu em desejos de conhecer aquellas mulheres e demonstrar-lhes a sua superioridade. Ella chegou a Jerusalem precedida de emissarios que carregavam, em amphoras de ouro, canellas arabeas dos bosques de Cylão, mirras de sua Arabia e salmerios da Persia. Musicos e cantores tangiam sonoros cymbalos e entoavam languidas estrophas sanhitas... Os camellos, engalanados com chales carmezins, balanceavam num rythmo solenne as areas de onyx e jaspe, onde se adivinhavam seus fulgores o sardenta, pallido como a aurora; o topazio, dourado como o dia, e a saphyra, azulada como o occaso...



Um elephante poderoso e docil conduzia a Rainha sobre uma cadeira de madeira de Sittin, forrada de pelle de gamo e orlada de aureas campainhas, que reluziam e cantavam sob o sol da Judéa, que incendia os pámpanos das vinhas de Bethel e os petalos das rosas de Jerichó, a Rainha de Sabá, formosa e joven, ardente e agarena, resplandecia como uma honri. Uma concha de neve, roubada ás areias do mar Vermelho, aprisionava, entre os seus fulgores nacarados, o negro prodigio de sua ondulante e abelleira. Uma flôr de lotus, azul como um pedaço do céu arabe, brilhava em sua fronte, sobre os arcos sêllosos das sobrancelhas. Um disco de esmeraldas, mais verdes e raiosas que os

olhos das mulheres persas, resplandecia sobre seu peito, sob o triplo collar de amethystas, rôxas e redondas como grãos de uva, que lhe circumdava o collo e lhe roçava as arceadas das orelhas. Seu vestido — a cintura "atka" — era de sêta rôxa, salpicado de carbunculos phosphorecentes. Seu manto — a fluctuante "adhissava" — arrogante como uma estola grega, graciosa como uma ehlamyde romana, sustinha-se ao hombro esquerdo por um broche de berylos, deixando livres os braços nús, nos quaes se enroscavam, como serpentes, os braceletes, e vinham libar-se, como abelhas de ouro, os amuletos. Era sua tez escura, incendida e calidos seus olhos, e na granada aberta de sua bocca punha o brasil sangrentos carmezins e o calamo e o nar lo suavissimos perfumes.

Surprehendeu a Salomão, mais do que o fausto da Rainha, seu espirito sensitivo, sua coquetteria, seu refinamento, aquelles presentes desconhecidos que offerecia sua bocca piena de sorrisos e de beijos, e aquellas ignoradas ternuras que dormiam, como erianças nús, no brando vellu-

do de suas finas pupilas. As mulheres hebréas, mesmo aquellas a quem seu apostata senhor havia iniciado nos factos segredos do amor, eram mais recatadas e mais cheias de pudor. O "talmed" que envolvia seus corpos graciosos, harmonicos e esbeltos como lyrios, cercava-as de austeridade e de apparente virtude. Seus olhos se vestiam de maneira mais silenciosa e casta. Seus labios não se tingiam com o fogo impuro do "brasil", nem se perfumavam com o penetrante aroma dos nardos. Quanto ás outras corteziãs, as egypcias eram altivas e tristes, masculas e insensíveis as iduméas, egoistas e falsas as sidonias...

Somente a Rainha de Sabá reunia em seu espirito a delicadeza, em seu coração a ternura, em sua bocca a graça, em seus olhos a luz, em todo seu corpo a harmonia... Mas a Rainha de Sabá não seduziu Salomão. O espirito daquela mulher, submettido a um prolixo estudo da lisonja, do agrado, do sorriso provocador e do semblante amavel, era falso e inconsistente. Seu coração não podia ser terno, porque era caprichoso e volúvel. A dogura de sua bocca tinha mais de alheio que de proprio mel. A luz de seus olhos, artificialmente velada, resplandecia de quando em vez em fulgores sinistros. E a harmonia de seu corpo dependia mais de torturantes pressões e captivos que de puras e tranquillas liberdades.

A apostas a não excluir a sabedoria na mente de Salomão. Deus, sempre prodigo, conservou ao idolatra a eloquencia que o tornou grande, mais do que o seu templo, e do que o seu palacio, e do que a casa do bosque do Libano. E Salomão, que havia escripto, annos antes, quando era fiel a seu Deus, o "Ecclesiastes", recordou a sua primeira estrophe: "Vai larde das vaidades, e tudo vaidade..." E depois de sental-a á sua meza e de cobical-a sob o ouro de sua mansão, e depois de aceitar os camellos carregados de myrrhas e cassias, de galbanos e incensos, de agathas e guriros, de linhos de Palmyra e sêlas de Damasco, de cbales e tapetes, de ouro e de diamantes, repelliu a Rainha de Sabá, cujo coração se lhe offerencia.

E a princeza araba, soberba e humilhada, voltou, pelo pallido deserto da Judéa, sombrio e emmurcheido, aos frondosos jardins de seus dominios, para afogar sosinha, no silencio das romanzeiras em flôr, sob a quietude aprazivel das palmeiras virgens e exoticas, o ultimo suspiro de seu despeito. E, então sua vida não tornou a cobrir-se de rosas, nem a sua fronte de lotus, nem seus hombros tornaram a suster a túnica de purpura, nem seus labios a perfumar-se, voluptuosos e excitantes, com cálamos e nardos.

RUIDO DE MOTOR

Isabel não se sente bem... Causas? Uma muito simples... Está loucamente enamorada... De frente da sua casa prisa diariamente, das seis ás seis e meia da tarde, um automovel que é precisamente o culpado do seu mal-estar. Quem é o automobilista? Não o sabe. Só sabe que ha muitos dias já elle passou por ali á mesma hora sempre, com os mesmos olhares de fogo, para ella, Isabel, por isso, não se sente bem.

Todo o santo dia, sem ella querer, a sua unica preocupação é recordar esse idolo automobilistico... E á hora do costume, assim que ouve o "fon-fon" da buzina e o "paf-paf" do motor, coizas ambas que ella conhece como os seus dedos, perde a cabeça, e espia pela janella para o ver passar. Que auto encantador aquelle! Se pudesse trocar uma palavra com quem o dirige! E quem será elle? O que fará na vida? Por que não tenta falar-lhe um dia? Era um instantinho... Parava a carreira um pouco... Quantas coizas se podem dizer num instante! Enfim... Alguma coisa deveria haver para elle não lhe falar... A caçar com ella, não estava, porque Isabel bem o via nos olhos delle todas as tardes... Quando elles brulhavam... que fogo havia no seu olhar.

Certo dia, ao anoitecer, aproximou-se-lhe da janella um moço elegante que a encarou um pouco, e falou:

— É mesmo a senhorita quem eu procuro...

— E tirou o chapéo.

— A mim? Para quê?

— Para lhe perguntar se tem noivo.

— Alrevido!

— Não... não é atrevimento... Mas... Responda-me... Pergunte-lhe.

— Engraçado, isto... Bem... Lá vai... Não tenho noivo... e depois?

— Ainda bem... Eu tambem não tenho noiva.

— E a rir, de satisfeito, acrescentou:

— Feliz coincidência!

— O senhor conseguiu intrigar-me... A que vem tanta pergunta? Por que fala em coincidencias? Palavra! Está me interessando!

— É todo o meu desejo o interessar-lhe, creia!

— O senhor sabe ser galante, cavalheiro.

— Digo apenas a verdade... Com que então não tem noivo, não tem quem lhe faça a corte?

— Não é bem isso...

— Ha, então, um namorado?

— Ha.

— Esse namorado sou eu, já sei.

Ora, cavalheiro... O senhor me desculpe mas, além de atrevido, e tambem pretencioso... O que é? Ficou sério? E engravado o seu modo... Interessante a sua attitude... Ficou aborrecido porque... eu tenho um namorado? Deixe-me rir... Ah! Ah! Ah!... Mas que cara que o senhor arranjou!... Descanse... O meu namorado não é official...

— E' sargento, então?

— Quero dizer que meus paes não sabem ainda do namoro.

— E' porque elle não lhe occupa muito logar no coração.

— E o senhor, o que tem com isso?

— Muito. Esta carta lhe falará bem alto da minha paixão.

— A sua paixão? E que tenho eu a ver com a sua paixão?

— Ora, guarde a sua carta, faça favor e vá bater a outra porta.

— A senhorita vista de perto é bem egual á illusão que eu formára a seu respeito. Um pouco coquette, que aliás lhe fica bem... É o meu ideal, senhorita!

— Eu advirto o cavalheiro de que sou um pouco grossa para palito. Não accento essa phrase de ser o seu ideal...

— Accete-me então a carta!

— Não insista, senhor! Siga o seu caminho.

— Não lhe diz nada o coração?

— Diz... Que o senhor é um idiota.

— Estar enamorado, como eu estou, é mais do que isso. E ser louco varrido.

— Cavalheiro... Vá tomar banhos de gelo. Faça favor, siga seu caminho... Do contrario fecho-lhe a janella na cara.

— Escute-me... Peço-lhe...

— Isabel não o ouviu. Não podia mesmo ouvi-lo por mais tempo... A hora da passagem do automovel aproximava-se.

— No dia seguinte o carteiro trouxe-lhe uma carta, assim concebida:

"SENHORITA. — Soffri hontem a maior desillusão da minha vida ao tentar falar-lhe. O seu desprezo desenganou-me. Por que então esses olhares quando eu passo no automovel? Como a senhorita é fingida! De hoje para o futuro farei toda diligencia para não a incomodar mais, nem sequer com o ruido do motor".

— Era o do automovel, meu Deus!

— E deixou-se calar desalentada numa cadeira.

— O tio de Isabel quando soube do occorrido, sentenciou:

— Visto que c não conheste perto de ti, sem o traje de "chuffew", estou convencido de que te enamoraste unicamente do automovel.



JOÃO VIDAL & Comp.

Moveis estylo antigo, classico e moderno

Decorações — Lustres — Moveis de couro

TELEPHONE 595 Norte

OUVIDOR, 83 — Rio





Szemen aprendera em menino a fazer flautas de ramos de salgueiros. Arrancava-lhes a casca, perfurava-os e fazia os buracos onde era preciso com matemática certa, tão admiravelmente, que se tocavam todas as canções conhecidas. Envelhecendo, fez-se guarda da via-ferrea e nas horas livres trabalhava nas flautas que um conductor de trem seu conhecido vendia na cidade. Cada uma rendia-lhe dois 'koreks'.

Tres dias depois da inspecção official á linha Szemen recomendou á sua mulher que vigiasse a passagem do trem das seis, e pegando da sua navalha de ponta e afiado corte, foi a casa para trazer para casa boa provisào de materia prima. Dirigiu-se para o bosque. Desceu o talude da linha e entrou pelo arvoredo, só de lá voltando pelo meio da tarde. Reinava o maior silencio, só se ouvindo o cantar dos passaros e o estalar da ramaria que elle ia pisando. Ao chegar quasi á entrada do bosque ouviu um ruido estranho, como se alguém batesse sobre ferro. Apressou o passo, intrigado, sem saber o que seria.

Sabiu do bosque e viu no talude um homem, agachado, a trabalhar tenazmente nos trilhos. Avançou cautelozamente. Julgou que se tratasse de um ladrão de parafusos. Mas, subito, o homem poz-se de pé, collocou debaixo de um dos trilhos e fez força. O trilho saltou.

Szemen sentiu uma vertigem... Tudo lhe bailava diante dos olhos... Quiz gritar, mas nem um som lhe sahiu da garganta.

Era Vassili... o bandido... o salteador... o selvagem! Assim que viu Szemen rugiu, levando as suas ferramentas.

— Vassili! Vassili! Dá-me a alavanca e ponhamos o trilho no seu lugar! Não direi nada! Volta! Para! Supplico-te! Salva a tua alma da condemnação!

Vassili, porem, nem caso! Fugiu para o bosque. Szemen ficou ali extatico. As ramas dos salgueiros cahidas aos pés. Um pouco adiante, o trilho arrancado e dentro em breve um trem passaria, um trem de passageiros. Como poderia fazelo parar? Não tinha instrumentos comsigo para isso. Bandeira, tão pouco, e era impossivel collocar de novo o trilho no lugar. Nem ao menos poderia atarrachar os parafusos em qualquer caso!

— Deus meu, ajuda-me! Inspira-me, Senhor! exclamou, emprehendendo furiosa carreira para o lado donde havia de vir o trem.

Corre, mas as forças começam a faltar-lhe... Apenas já pôde respirar... Mas... Continúa correndo... Não pôde mais... Subito, ouve o apitar de uma sereia... E' da fabrica... Os operarios que sahem... São seis e dois minutos... Senhor! Tende piedade dos innocentes! Parece-lhe ver a roda da locomotiva, a roda esquerda, que se torce, que salta, que se desvia, se enterra no sóio e se parte, com estroindoso rumor. E o trem despenha-se por ali a baixo... Os vagões vão cheios... Ha homens, mulheres e crianças...

O trem aproxima-se... Não sabe ninguem que a maldade ali á espera da presa. E não ha tempo para nada!

— Senhor! Senhor! O que devo fazer?

Szemen corre para trás de novo... Para quem? Mas corre sempre... Colhe um dos ramos de salgueiro e corre para o lado donde ha de surgir o expozido... longe a locomotiva... Os trilhos trepidam com mais violencia... Para e abre a navalha, e faz o corte.

— Senhor! A vossa benção!

E enterra a navalha na mão esquerda... O sangue esguicha... salta... e a navalha papa nelle o terço... Num segundo...

Ata-o o ramo de salgueiro e começa a brandi-lo assim... Já tem uma bandeira... Continúa a agita-lo, avançando sempre, avançando... O trem appareceu... lá ao longe.

Elle agora teme que o machinista o não veja, que não possa parar o tempo.

E a ferida continúa sangrando... cada vez mais... Szemen aperta a mão contra o peito... mas não pôde... não pôde conter o sangue.

Fiz demasiado grande o golpe! murmura elle.

Sente vertigens... Nublarem-se-lhe os olhos... Julga ouvir uma sineta... a sineta da locomotiva... Oh! Se elle cahe, a bandeira cahirá tambem e o trem continuará na carreira para o precipicio...

Já não vê... Tudo escureceu para elle, no momento em que tombou... Mas a bandeira não cahiu... Mão vigorosa se apoiou della e a agita no ar... bem alto... muito alto!

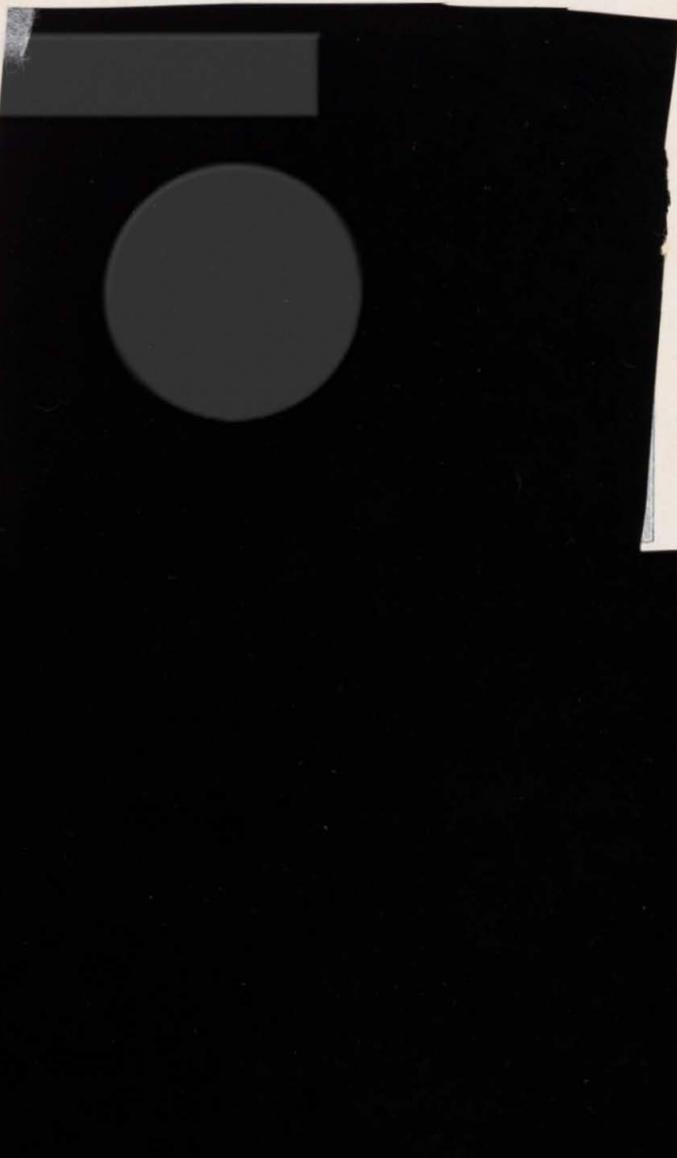
O machinista já viu e vae obedecer... Aperta os freios... O trem para.

Saltam os passageiros dos vagões... A dez metros da machina... ha um homem desmaiado, sobre a linha. Perto d'elle um outro agita um trapo ensanguentado.

E' Vassili, que oíha para a locomotiva, para os passageiros, para o guarda-via, alido ali ao pé. E' Vassili, que, baixando a cabeça, diz

— Prendei-me! En tinha querido descarrilar este trem!

W. GARDNER.



No mundo artístico

A Arte na Photographia

Os amadores da arte photographica no Brasil preocupam-se qua e que unicamente com a paisagem. Isso, aliás, é digno de todo louvor, tão bello é o nosso paiz e tão numerosos são os motivos que a sua natureza tropical e ardente offerece á deslumbrada admiração dos nossos olhos... "La natureza" já chegou mesmo a ser um estribilho enfadonho para o nosso ouvido. Repetem-n'ó, a todo instante, estrangeiros e nacionaes. Mas... mudemos de assumpto. Absorvidos pela paisagem, elles deixam de lado os estudos de interiores e tambem os de physionomias, ambos, entretanto, notaveis pela variedade de themas interessantes que podem fornecer a um artista de visão e intelligente. No nosso numero anterior, tratamos do que diz respeito uos "interiores". Hoje, queremos falar dos estudos physionomico. A photographia universal a norte-americana, sobretudo attingiu nesse capitulo a um gráo de extrema perfeição. Verdadeiras obras-primas no genero tem sahido dos "ateliers" photographicos do Velho Mundo e dos Estados Unidos. "Frou-Frou" tem publicado muitas dellas, cada qual mais linda...

Ora, nós, no Brasil, temos na brasileira um typo merecedor de que se o estude com attenção. Quem, um dia, fixar o dôce sorriso, o olhar languido, a cabeça graciosa de nossas patricias terá, não somente enriquecido o nosso patrimonio artistico, como o aureolado de um novo e extranho fulgor. A mulher como a creança, presta-se maravilhosamente a taes interpretações de seu "psyché", talvez pela delicadeza amavel de seus traços, talvez pela suave espiritualidade que transluz da sua mascara, tocada de fascinação. A carioca, por exemplo, é um typo admiravel para uma objectiva. Menos bella, sem duvida, do que as suas outras irmãs do norte e do sul, ella, entretanto, é mais gentil, tem mais atração, mais "charme". Quem souber, com habilidade e sentimento artisticos, fixar definitivamente numa placa o encanto do seu rosto brejeiro terá proporcionado a nós todos, "dilettanti" de belleza immortal, motivos de infinito enlevo.

Uma das photographias que illustram esta secção poderá servir aos amadores de lieção. Nessa fronte melancolica e pensativa, em que parece ter emmurchecido a flôr de serena illusão, e em que, agora, tristonho, brilha o sol de uma desventura, ha todo um tratado de psychologia feminina. O operador soube apanhar o seu typo no momento justo, preciso, em que a luz morta dos olhos combina com o ligeiro "rietus" doloroso dos labios, e em que toda a mascara exprime uma infinita, uma cruel desolação.



BONS AMIGUINHOS



DESILLUSÃO

Donna e frou...



POIS SIM... *me bem!*

(Clichés gentilmente cedidos pela "Kodak Brasileira Limitada")



Como as crianças gostam dos productos NESTLÉ

MÃES!!

AMAMENTEM SEUS BÉBÊS!

Se não podem fazel-o, não deverão hesitar em recorrer aos optimos

Productos NESTLÉ'

Os nossos leites condensados MOÇA (estrangeiro) e ARARENSE (nacional) são garantidos puros e não podem ser falsificados.

A partir do 6.º mez, toda mãe previdente dará ao seu petiz a excellente FARINHA LACTEA NESTLÉ' que contem todos os elementos necessarios á formação dos ossos.

A pedido teremos muito prazer em enviar-lhe as nossas interessantes brochuras tratando da alimentação e cuidados da criança e contendo as opiniões das maiores summidades medicas.

C. IA NESTLÉ'

Caixa Postal 780
Rio de Janeiro

O RECEMNASCIDO

Finalmente, ao romper do dia, o ladrão conseguiu fazer alguma coisa. Saltou aos ombros de uma transeunte, de fraca textura, passou-lhe um braço ao pescoço e ameaçou:

— Depressa! Tudo quanto tenhas.

— Não me mates! supplicou. Tcma o relógio, a corrente, mas não me faças mal.

— Não me satisfaz isso. Encostou-lhe a ponta da navalha no pescoço.

— O relógio e a corrente são de ouro!

— Não me satisfaz isso, já disse. Preciso dinheiro.

— Mas o que ganhas em me matar. Dar-te-ei tudo quanto tenho... Espera.

— Depressa!

Revistou-lhe os bolsos e tirou-lhe um lenço, uma chave, dois charutos e uma carteira. Ficou só com esta e devolveu-lhe as outras coisas. Depois despediu-o com calma.

— Segue o teu caminho e silencio.

A vítima correu, e o ladrão, ansioso de saber o que a carteira continha internouse pelo arvoredo perto, para a examinar sem ser visto, e já se dispunha a fazê-lo, quando uma mulher surgiu bem próximo d'elle, assustada, a tremer de susto. Vendo-lhe o semblante fallou para o ladrão:

— Não me podes denunciar. Ainda o não abandonei. . Estou aqui ainda.

— Numa pequena excavação do terreno, o ladrão divisou um vulto.

— Canalha! bramiu elle. Uma creança morta! Mataste-a?

— Está viva!

— Quero vê-la... Se a mataste... Treme!

— Não lhe toques, está dormindo!

— Dormindo!

— Nasceu forte e bonito. Conservei-o quatro dias por que não podia levantar-me da cama. Esta noite, porém, faltaram-me as forças para o matar.

— E querias enterrar-o vivo?

— Não! Queria confiá-lo á Sorte. Pensei comigo:

“Quem sabe se o Senhor misericordioso o auxiliará?”

— Mas... Esta cova? Não a cavaste para elle? Infame!

— Não fui eu, juro-te. Já a encontrei assim. Parecia esperar por elle.

— E tinhas coragem de deixar este anjo ao tempo?

— Não me podes dizer nada. Eu ainda o não abandonára.

— E's o ser mais infame do mundo e as galés seriam pequeno castigo para a tua maldade. Vem!



— Ah! Eu só fallo o que penso!

— Sim? Por isso é que o Snr. falla tão pouco...

E pegou-lhe no pulso para a arrastar. Ella não se defendeu, mas fallou ameaçadora:

— Se me denunciás, mando-te prender por ladrão.

Immediatamente elle lhe soltou o pulso. Depois perguntou tranquillamente:

— Viste-me?

— Entrei aqui pelo lado mais escuro. Vi-te alli sentado naquelle banco e tive medo. Julguei-te um agente de policia. Quando te levantas-te para assaltar o pobre caminhante, comprehendi que eras um gatuno, e enquanto roubavas eu botava o menino na cova. Não julguei que viesses depois para aqui, mas o diabo quiz unir-nos. E agora, se não te calares, tambem me não calarei. Iremos os dois para a cadeia.

— Fallas bem. Mas, julgas que, por eu roubar expondo a vida para sustentar minha mulher que é honrada, eu me comparo a ti que és capaz de enterrar vivo o teu proprio filho?

— Eu não tenho ninguem que se incomode commigo. Nem pae, nem mãe, neh irmãs, nem amante. Trabalho sem cessar para me manter a mim e a minha mãe. Se essa gente soubesse que eu tive um filho, cuspiam-me no rosto e não me daria mais trabalho. Além disso, como o poderia eu crear, doente como sou e avisada pela parteira de que qualquer imprudencia me custaria a vida? E se eu morresse, quem olharia por minha mãe paralytica?

— E'... As coisas deste mundo saem sempre ao contrario do que a gente quer. Mas...

Tirou o gorro, coçou a cabeça e reflexionou um pouco. Depois inclinou-se para a cova e levantou o envoltorio com o menino, cuidadosamente. A cabecinha do menino ficou descoberta. Tinha

os olhinhos fechados. O ladrão encostou o ouvido ao peito d'elle e murmurou a seguir:

— Bello! Está vivo!

Pcz-se de pé, abriu a carteira que roubara contou o dinheiro e fallando comsigo mesmo, disse apenas:

— Está direito!

Depois repetiu seccamente as palavras com que costumava dar liberdade aos que elle assaltava:

— Segue o teu caminho e silencio.

— O que tencionas fazer? perguntou a mulher em voz baixa e a tremer.

— Levo-o para minha casa, respondeu, pondo o gorro. Estará alli melhor que nessa cova. Com este dinheiro posso alugar uma ama, e minha mulher fará o resto. Daríamos eu e ella os olhos por um filho, mas as coisas deste mundo saem sempre ao contrario do que a gente quer. Este não é seu filho mas é um presente que eu lhe faço. Como ella ficará contente quando este sujeito lhe chamar mamãe, um dia!...

Abaixou-se de novo, e com cuidado para não molestar a creança ergueu a nos braços. Como a mulher o contemplasse atônita, insistiu:

— Tu vaes embora ou não vaes?

— Vou!

— Então, despacha-te... Lembra-te de que não nos conhecemos. Comprehendes?... Sim ou não?

— Comprehendo.

— Então, segue o teu caminho e silencio.

Ella afastou-se sem um olhar para o menino. O ladrão beijou a creança na testa.

ROBERTO BRACCO.



PARAISO DAS CRIANÇAS

CONFECÇÕES FINAS

PARA MENINAS E

MOCINHAS

Rua 7 de Setembro, 134

TELEPHONE 1231 CENTRAL

RIO DE JANEIRO

grade de ferro, de grande solidez, que se estendia do chão ao tecto, com uma pequena porta ao centro, fechada por uma tranca com cadeado. Uma serie de canos de agua quente fazia a atmospheria tropical que ali reinava.

— E aqui que tem de ser feita a primeira parte do trabalho, sr. Ransone, disse Hermann. A luz principal deve estar no centro da jaula e um grupo de lampadas menores fixas no tecto, protegidas por um vidro grosso. Talvez será melhor, examinar pessoalmente o logar.

— E ao dizer estas palavras, Hermann abriu o cadeado, correu o ferrolho e fez girar a portinhola. Esta era tão baixa que Ransone, para poder entrar, teve de fazer de gatas.

— Que cheiro horrivel... Parece uma toca de feras! disse o moço procurando ver o que havia na sua frente.

— Pode ser... Elle hoje esteve aqui.

— Elle? E quem é elle?... Eh!... O que está fazendo?... Não faça isso!

— E Ransone precipitou-se sobre a portinhola, dando um violento salto. Mas, antes de que ali chegasse, a chave girara dentro do cadeado.

— E Hermann afastou-se um pouco da grade.

— Não tenho tempo para perder em brincadeiras, sr. Hermann, gritou o electricista irritado. Faça favor de abrir a porta.

— O outro não respondeu. Encostou-se á parede e poz-se a examinar o prisioneiro. Esfregava as mãos nervosamente, como se estivesse preso de uma emoção violenta. O suor corria-lhe abundante.

— Tenho alguma coisa para lhe contar, sr. Ransone começou elle a dizer com uma voz arrastada.

— É uma pequena historia, muito velha talvez e muito vulgar, mas para mim pouca importancia isso tem. Havia um homem, que ia ficando velho. Era rico, muito rico e vendo-se assim, tão só, no mundo, lançou suas vistas para uma mocinha, uma menina de dezesseis annos. Saberá esperar que ella entrasse mais na idade. Via-a frequentemente e sabia que não lhe era nada antipathico. Desse modo, dali a dois annos, elle pedia a moça em casamento, que consentisse em ser sua esposa. No dia esperado foi ver a moça e abriu-lhe o coração. Ella, porém, havia mudado. Elle pediu, supplicou, mas "Mein Gott"! ella fugiu delle e, a tremor, lhe disse que amava um outro! Essa noite foi para elle, como se a estivesse passando no mais profundo abysmo do inferno. E a mesma coisa foi no dia seguinte, no outro e no outro. Muitos dias assim. A mesma coisa sempre. Se o noite tivesse vindo seria uma felicidade. O rosto poz-se-lhe de forma que a elle proprio fazia horror ver-se no espelho. Mas a propria dor mostrou-lhe um dia uma esperanza, que lhe abraçou o cerebro, uma esperanza que foi crescendo, até que encheu o mundo inteiro. Era a esperanza de se vingar.

— O joven encarcerado sentiu, pela primeira vez na sua vida, que toda a sua coragem o abandonava, porque os olhos que o estavam devorando através da jaula não eram olhos de homem, em seu juizo. Retorceu uns passos, dentro do carcere, todo o corpo num tremor.

Hermann continuou a falar:

— O tal homem traçou, então, um plano, um plano de grande astucia, um plano que deu resultado. Esse rival tão afortunado que lhe roubára assim furtivamente a felicidade, vae soffrer agora como o outro soffreu. Foi

uma hora, um dia, ou uma semana talvez, viverá de tão desesperado modo que chegará a pedir que a vida se lhe apague depressa. Agora, Cecil Ransone, veja quem é que vae executar minha vingança! Veja quem o vae fazer pagar a divida que contraiu conmigo, roubando-me o carinho e o amor de Mary Lane!

De um salto, Hermann approximou-se de uma pequena roda de ferro que estava na parede e começou a fazel-a girar. Logo a seguir ouviu-se um entrecocar de correntes no tecto, e pouco a pouco começou a notar-se no chão em determinado logar junto á parede da jaula uma claridade que mais e mais foi augmentando.

— Era uma porta corrediça que se ia elevando lentamente.

freneticamente por entre os varões, em direcção ao logar onde estava Hermann, como as accometidas de uma vibora irritada.

Ransone era valente, mas o perigo que elle corria ali era demasiado horrivel. Accorado, contra a parede, poz as mãos nos olhos para não ver a horrenda fera e esperou seu fim. Ouviu atrás de si o ruido da porta corrediça a voltar ao seu logar. Viu Hermann fechar a porta por onde ambos tinham passado ha pouco, ouviu o ranger dos ferrolhos e o ruido dos passos delle a afastar-se, annunciando-lhe que elle ficava só ali com a enfurecida fera.

Atreveu-se, então, a olhar por entre os dedos.

O gorilha continuava a segurar os varões de ferro da grade, olhando fixamente o logar por onde havia desaparecido o dono, com uns olhos enormes em que fuzilava o mais feroz dos odios. Depois lançando um grunhido deixou-se cair ao solo e voltou a cara para o lado onde estava o seu companheiro de carcere.

Começou a andar para elle, muito devagar.

— Estamos agora numa casa de saude. O interno que fazia o plantão é quem fala para o director do estabelecimento:

— Em minha opinião, doutor, o homem está louco, ou então a policia terá de tomar conta delle. De um modo ou de outro, porém, o documento de que lhe falo é tão extraordinario que valerá a pena que o senhor o lesse.

E assim falando, o moço poz sobre a mesa, dentro do circulo illuminado pela lampada, uma certeira de notas. O director abriu-a e deitou uma olhadella para o conteúdo.

— Não vejo mais que datas e calculos, disse elle.

— E' nas ultimas paginas que está o que eu disse.

— Bom. E como veiu esse homem ter aqui? perguntou o director, emquanto folheava a carteira.

— Um caso de rua. Parece que elle atravessava a correr o Commercial Road quando um automovel o pegou atirando-o de encontro ao meio fio. A policia, julgando-o gravemente ferido trouxe-o para aqui, mas o homem, não soffreu absolutamente coisa alguma. A unica coisa que lhe notei foi debilidade por falta de alimentação, e uma prostração enorme de alguma forte commoção nervosa. Dei-lhe um calmante e elle, agora, dorme socegradamente. Quando o examinava é que encontrei essa carteira entre a camisa e o corpo. Pareceu-me estranha essa maneira de a guardar, e folhee-a por curiosidade, encontrando essa especie

de diario de que lhe falei. Começa ahi justamente, nessa pagina em que o doutor está.

— Bem. Vou ler, disse o director.

E fazendo girar a cadeira, até ficar em posição conveniente, leu o que se segue:

Terça-feira, á meia noite — Se estas notas, que eu vou fazer, cairem algum dia em mãos humanas, rogo que as entreguem á Policia, porque, se a Policia conseguirl entrar na casa de feras de Heinrich Hermann, ao lado do Commercial Road, e abrir a terceira porta á direita, no sótão, descobrirá a jaula onde eu fui assassinado. Não posso, entretanto, dizer se ali encontrará o meu cadaver ou algum vestigio dos meus restos.

Esta noite, ás oito horas, eu Cecil



FLORES DOS CAMPOS

Quadro de Bellanger

Por um momento uma sombra obscureceu essa abertura, um vulto que pareceu detter-se ali, indeciso. Depois, bamboeante, o monstro precipitou-se para dentro do logar onde o moço estava, num impulso que o levou até á grade de ferro, do lado de Hermann e ali fez estremeecer tudo com alguns puxões que deu nos varões. Saiu-lhe das fauces um grito, a principio rouco, hocalhante mas que se transformou num ulvo estridente e prolongado, completamente selvagem, um alarido que era de furor e desespero ao mesmo tempo, comparavel somente ao que devem fazer as legiões de condemnados no outro mundo. Saíam espumados da bocca do monstro, em quanto a cabeça enorme, cheia de covas e de crina aspera, balançava de um para outro lado, e os compridos e peludos braços se estiravam

Ransone, da firma Williams & Ransone, engenheiro electricista, de Victoria Street foi tragicamente encarcerado pelo individuo Heinrich Hermann numa jaula que continha um gorilha enfurecido. Deus me conserve a razão até ao fim! • miseravel fez isto para vingarse de mim.

• monstro aproxima-se... Tenho que...

— Bem... Parou.

Esse Hermann bor intermedio do seu macacão é o meu assassino.

Quando Hermann nos deixou sós, esta noite, o macacão aproximou-se de mim, e eu aterrorizado, considerei-me perdido. Mas elle parecia sentir curiosidade e nada mais. Demorou-se um bom bocado a puxar-me as roupas, até arrancar-me os botões, magoando-me as carnes com os puxões que dava. Depois, de uma sacudidella, arrancou-me inteira uma das mangas do paletot. Tive a boa idéa de me conservar quieto e calado enquanto durou essa agonia, e no fim a fera deixou-me para se ir estender na sua cama de palha, no canto opposto da jaula.

Rogo queiram fazer saber ao Sr. Fane, de Marlow Villa, em Abbey Road, de que os meus últimos pensamentos foram para sua filha Que Deus a console!

O monstro tem o somno agitado. Grunhe e estremece lá no canto mais escuro da jaula. Creio que já teria perdido a razão se o miseravel de Hermann não houvesse deixado esse bico de gaz acceso, se bem que a luz, que elle dá, pouca é.

Ha pouco, ao fazer um movimento, lembrei-me de que trouxe commigo a minha navalha. E' de folha forte. Para a ter mais á mão, pul-a dentro da unica manga do paletot. Mas, não vale servir-me de nada certamente.

Resolvi esperar até ao fim, antes de apellar para tão desesperado recurso.

Quarta-feira de manhã — O macacão começou logo cedo a andar de um lado para outro. Então, perdi a calma e rompi num pranto de creança. Botei, porém, o lenço na boca, para não fazer ruido...

Passou, bem uma hora, de baixo a cima, deante da grade. Agora está quieto. A sua força deve ser fôrvidavel.

Depois do passo sobrevidalhe um acesso de tristeza. Acocorou-se no chão e todo o corpo começou a agitar-se convulsivamente como se elle estivesse soluçando. De repente soffreu um ataque terrível de ferocidade. Atirou-se contra as grades e poz-se a sacudil-as, até os fazer ranger nos eixos. O ronco, uma especie de gemidos, que elle emitia, encheram o sotão de estrident vibracões. Eu estava de tal modo com medo, que se a fera me atacasse nesse momento nenhuma resistencia lhe opporia. Pareceu-me que elle se havia esquecido de que eu estava ali.

Quinta-feira, á tarde — Foi terrível o dia de hoje. Um verdadeiro martyrio, moral e physicamente. E' assim que se perde a razão. Tenho pensado que o monstro talvez me não mate... mas tal esperanza de nada serve porque, se elle não me matar, Hermann descobrirá outro meio de acabar commigo. Que Deus tenha piedade de mim.

Hontem de noite, muito tarde já, deu-me o somno e eu comeci a cabecear. Mas os gritos do gorilha despertaram-me. Vi que elle fazia tremer os varões de ferro e que Hermann estava do lado de fóra, com a cabeça, a procurar-me. Quando notou que eu me movia, os labios contrairam-se-lhe num sorriso mais satânico que é possível imaginar-se.

Falou-me:

— Homem, você estava tão quieto ahí, que eu bensei que estivesse dormindo... o somno eterno. Está demorando... Mas, é provavel que não pass desta noite. Está aqui a comida para o macacão e para o meu amigo, que eu não quero o mal-o á fôrça, compreendendo?

Pão e carne, disse elle, agua, está lá no deposito no fundo da jaula.

Depois pôz-se a dizer coisas que não devo escrever... Falou grosseiramente de uma pessoa que me é muito querida, e isso me enfureceu de tal maneira que me arrependo e convergonho, agora, de me haver deixado arrebatado a tal extremo. A minha attitude deve ter causado a esse infame immenso jubilo. Esquecendo-me por completo do perigo que corria atirei-me contra os varões e puz-me a sacudil-os e a insultar o miseravel.

— A parella é de primeira ordem! disse o infame. Dois macacos ou dois homens? Difficil, distinguir um do outro agora!

Olhei de soslaio. A um metro, se tanto, de distancia de mim, encostado á grade, estava o monstro, observando-nos com profunda attenção. Parecia mesmo que comprehendia o que se passava.

Depois, por espaço de duas horas talvez, esteve acocorado no chão mirando-me frente a frente, com uma curiosidade notavel. Dir-se-ia que era um homem monstro, que me examinava attentamente tratando de resolver algum enigma. Não podia mover-me. •

mais leve gesto o irritava. Mas eu estava já com o corpo entumecido, rigidão.

Fazia vinte e quatro horas que não bebia e tinha a garganta em febre. Por fim não aguentei mais. Que importava? Aquillo tinha de ser mais tarde ou mais cedo. Puz-me de pé, e comeci a andar para o deposito da agua. Mas immediatamente me senti atrado contra a parede com o paletot em farrapos, e um enorme arranhão nas costas. Caí-me o coração aos pés. Não me contive e chorei de raiva agora, enquanto esfregava um braço e um hombro que eu tinha magoados. O macacão ficou-se a olhar. Não me atacou mais. Dirigiu-se depois para a grade e ali reencostou o seu passivo de fóra enjaulada de extremo a extremo infatigavelmente.

Passou, assim, uma hora mais ou menos, antes de me resolver a ir beber agua. Por fim, fui e voltei para o meu logar, sem que o animal nada fizesse por me agredir. Dorei, então as minhas sandwichs e senti-me, dahi em diante, com mais forças para affrontar a morte, ainda que tamb'm com mais apego á vida que dantes.

A's cinco horas, mais ou menos, Hermann appareceu de novo com a razão da tarde. Não sei como me occorreu a idéa, mas o facto é que quando Hermann lá a retirar-se e o macacão fazia todos os esforços inúteis para despedaçar as grades, eu me colloqui ao lado d'elle e comeci a imitar-lhe todos os gestos e gritos.

Depois, quando tudo caiu no silencio de novo o animal e eu puzemo-nos a olhar um para o outro como dois inimigos mortaes que houvessem encontrado de repente um motivo de concordia. Já eu não sentia, então, medo algum, baseando por isso em mim a esperanza. Esperança? Posso dar-lhe acaso, este nome?

Sexta-feira, ao meio dia — Hontem pude dormir umas quatro horas. Hermann veio com a comida á noite, mais ou menos. Notei que parecia um tanto desconcertado a ver-me com vida ainda mas o miseravel não disse uma palavra.

Mais tarde aproveitando a circumstancia de que a fera estava cochilando, a fim-me a ir examinar as grades da prisão. Eram extremamente solidas, e mais solidas me parecia ainda a trave de ferro com o cadeado que fechava a porta do lado de fóra.

Sexta-feira, á tarde — A fera me atacou para tirar-me a comida, e eu esteci com uma firmeza terrível. Destruí-me a razão, de um de meus proprios olhos enquanto o outro demonio e não implava a sena e e ria de mim. • macacão tinha comida em abundancia sempre. Porque me arrebatava a minha então? Está bem. Já sei o que tenho a fazer. Adormece e vae ver. Jogo a minha vida é certo. Mas tu tiraste-me a minha comida, para a não comeres, para a chafurdar nas imundicias da jaula. Está bem A minha navalha, forte pontegada e afilada arranjara as coisas. Navalha querida minha amiga, dou-te que eu te beije. Não falhes!

Sabbado, no meio dia — Não do, o que sei explicar a minha loucura de hontem á noite. Focedi como creança colérica e vingativa. Se a minha tentativa não fracos sasse, o que seria de mim agora? Se eu tivesse matado o macacão, estaria eu, acsalvo? E' preciso convir que o meu inimigo não é precisamente a fera mas o homem.

Contemos o que se passou. E' notavel a extraneza com que este monstro me olha quando eu escrevo.

Vamos ao que importa.

Havia de ser meia noite, quando o macacão ficou quieto, parecendo-me adormecido. Devasarzinho, com grandes precauções, diligenciando não fazer ruido comeci a andar de gatas até á cama d'elle. Levava a navalha aberta na mão, com o dedo pollegr sobre a extreminidade do cabo para poder embeber a arma até á cruz, ao assentar o golpe. O macacão formára uma especie de ninho. Fui-me pondo de pé e olhei para elle.

• animal estava de costas com as pernas encolhidas e o peito agitado por grandes soluços. Brilhavam lagrimas no pelo que lhe rodeava as palpebras, cerradas. Parecia um homem que houvesse adormecido em meio de uma terrível angustia. A sorte não me poderia deparar melhor oportunidade.

Não cheguei porém a dar o golpe. Havia qualquer coisa de humano, sem duvida alguma, naquella horrenda caricatura do homem. Bem seria assassinar... Pelo menos assim pensei... Não era esse pobre bruto um prisioneiro como eu, sem probabilidade alguma de escapulir-se? Quem sabe se nas selvas não teria sido um chefe, um grã senhor, deante do qual todos os outros animais fugiam?

O monstro contemplou-me com curiosidade por um momento, durante o qual me fez pensar em que a morte era para mim um allivio. Mas no olhar d'elle não havia o menor assomo de colera. Obrigou-me, por

assim dizer, a deitar-me a seu lado, e ali passei o resto da noite.

Sabbado, á noite — Hermann começa a dar mostras de irritação. Esta tarde trouxe um chicote e castigou com elle o gorilha, enfurecendo o animal horrivelmente. Eu porém já o não temo. E o miseravel insulta-me com o panto. As phrases de fóra das grades, parece eu a loucura comeci a apoderar-me de nós e terminas nas suas mãos... Como concu a isto?

Domingo, ao meio dia — Pude ouvir os sinos de alguma igreja proximo esta manhã. • rumor era bem abafado, mas inconfundivel. Terá Mary rogado á Deus por mim? Só eu sei quanta falta me fazem as suas orações! O que imaginará ella que me haja acontecido? Terá renunciado a qualquer esperanza de me tornar a ver? Mas... E' insensatez pensar eu em taes coisas.

Segunda-feira, ao romper do dia — Desisti de continuar a minha pantomina junto da grade, quando Hermann appareceu. O gorilha já penetrou a minha idéa. Sabe que somos companheiros.

Segunda-feira, ao meio dia — Não posso escrever. Conseguirei eu fazer com que elle entenda o que quero agora da sua força?

Terça-feira — As coisas... caminham bem. O bicho começa a comprehender. Mas Hermann r' duziu-nos consideravelmente a comida. Logo não me trouxe mais que um pedaço deão.

Quarta-feira, ao meio dia — Vou tentar h' e extremos. E como não sei o que pode me utter convem deixar escripto o que se me passou. Ante-hontem examinei bem o cadeado que fecha a porta da jaula. E' modelo novo e complicado. Conventi-me de que seria inutil tratar de forçá-lo, acrescentando ainda o facto de Hermann o revistar de cada vez que nos apparece. Como já disse, a barra de ferro que serve de tranca é bastante forte, mas, em troca, a argola onde está o cadeado nao o é... esta caremida pela ferrugem. Eu estava verificando tudo isso quando presentei que o gorilla se aproximava. Pensei então commigo. "Ah! se eu tivesse as tuas forças e tu o meu discernir!"

E foi assim que me occorreu a idéa!

Adquiri já certa influencia sobre o monstro, que tem, como todos os macacos, uma inclinação especial para imitar o que vê fazer. Ora, hontem, comeci a puxar a argola, e esta manhã pondo em jogo todas as forças que me restam, e que bem escasas são, entreguei-me ao trabalho de a dearrar. O macacão pareceu interessar-se muito pelo que eu estava fazendo, e creio, até que se riu da pobreza das minhas forças. Pôde ser que queira experimentar as suas na mesma operação. Oh! se assim fosse!

Quarta-feira, á tarde — Salvos!... salvos!... Bravo, meu gorilha! Estamos livres! Mas espera, meu amigo, espera! Temos na nossa frente o miseravel do Hermann. A porta do corredor está fechada e esse infame descolou que fugimos da jaula nos deixará aqui morrer de fome. Então, quando te torture a fome, tu te esquecerá talvez de que somos amigos, e me n' str. Tem paciencia pois amigo gorilha.

A's quatro horas, mais ou menos, a fera entrou de repente a forçar a barra de ferro com grandes puxões, e depois segourou a argola e com tal força a torceu que ella quebrou! Soltei um grito de alegria e de medo ao mesmotempo. Elle me respondeu com outro, que me fez vacillar.

Hermann estará aqui dentro de um momento. Não deve tardar. Sahimos da jaula e fomos dissimular com a parede quasi ao pé da porta do corredor. Não tenho mais difficuldade em manobrar o gorilha, que se limita a fazer tudo o que eu faço. Vejo entretanto, nos olhos d'elle, um furor homicida.

Se eu não prevenir Hermann, o miseravel está perdido. Mas, como hei de eu fazer semelhante coisa?

• Uço os passos do infame! Parou junto á porta e está correndo os ferrolhos. O macacão encolheu-se todo, dobrando-se como um arco. Os olhos são duas brazas. Os dentes enormes brilham horro sin nte.

Hermann entrou.

• gorilha lançou-se a elle

Terminada a leitura do "diario", o director da Casa de Saúde aconselhou o praticante a nada contar a ninguém, dizendo:

— O proprio "diario" ficará commigo. Se o moço quizer, que conte o caso á Policia quando lhe pareça conveniente. Outra coisa seria expôr o infeliz á acção da nossa Justiça que em materia de homicidios, é por demais severa. Porque, observe você, amigo Thompson, isto é um caso de homicidio, de assassinato, indirecto sim e em defesa propria, mas premeditado e aleiroso,

B. Fletcher Robinson



“Nunc et semper”. São Paulo vanguardia a nossa civilização. “Leader” dos nossos grandes movimentos liberais, dir-se-ia que a mesma predestinação divina, pela qual o apóstolo do seu nome foi o vanguardista da civilização católica, teria escolhido o grande Estado brasileiro para evangelizar, em palavras e em ações, os novos surtos da evolução humana, nesta moderna terra da promessa.

Convertidos em fórmula oficial dominante o espírito liberal e as aspirações democráticas dos nossos maiores, S. Paulo se tornou o seu guardião natural.

Si as nações, como os exercitos, precisam de uma “élite” organizadora, um regulador, um metrônomo para os seus ritmos e seus compassos, um aferidor das suas capacidades, S. Paulo é, nesse sentido, o “estado-maior” do Brasil em marcha, aquela das nossas unidades federadas, em quem a “vis organizatrix”, o espírito de ordem e da disciplina e o insopitável pendor do trabalho e do esforço próprio, garantem, dia a dia, em progressão crescente, um amanhar sempre melhor, mais surpreendente e mais fecundo.

Desde o amanhecer da nossa democracia, S. Paulo transformara ou completara essa incomparável situação apostolar, em situação de governo e mando. Mais de uma vez, o espírito paulistano tem desfaldado, no paço da presidência da República, o pendão da sua glória e os raios da sua alta clarividência.

Mas é precisamente, em ocasiões como a presente, quando os postos supremos de orientação nacional são entregues a novos “mercantes” e novos “gagueiros”, que a opinião pública melhor compreende e admira a “actuação paulista”, a sua milagrosa influência em todos os nossos bons empreendimentos. Fora do governo, S. Paulo é o bom conselho, ou a dignidade reservada e ativa. Nos concílios governamentais, ou na suprema direcção do país, S. Paulo é a iniciativa e a actividade, a intelligencia esclarecida e a disciplina indiscrepante, mercê da sua compostura, isto é, da composição, da linha, da educação, da elegância moral dos seus pro-homens.

Não ha, nas gestões paulistas, a confusão, o atropelo, a sofferguição de “aproveitar enquanto é tempo” e derrama dos dinheiros e a distribuição dos cargos.

S. Paulo é um Estado autonomo e os seus politicos não precisam de occasiões e casacos para collocar-se, ou melhorar proventos.

Os presidentes paulistas não deslocam S. Paulo para o Rio de Janeiro. S. Paulo tem vida propria e não precisa de parasitar ou satclitar, ou ficar, como os gira-sóis, piscando o olho, frente a frente, com o “rei do dia”, o que tudo pode e tudo manda.

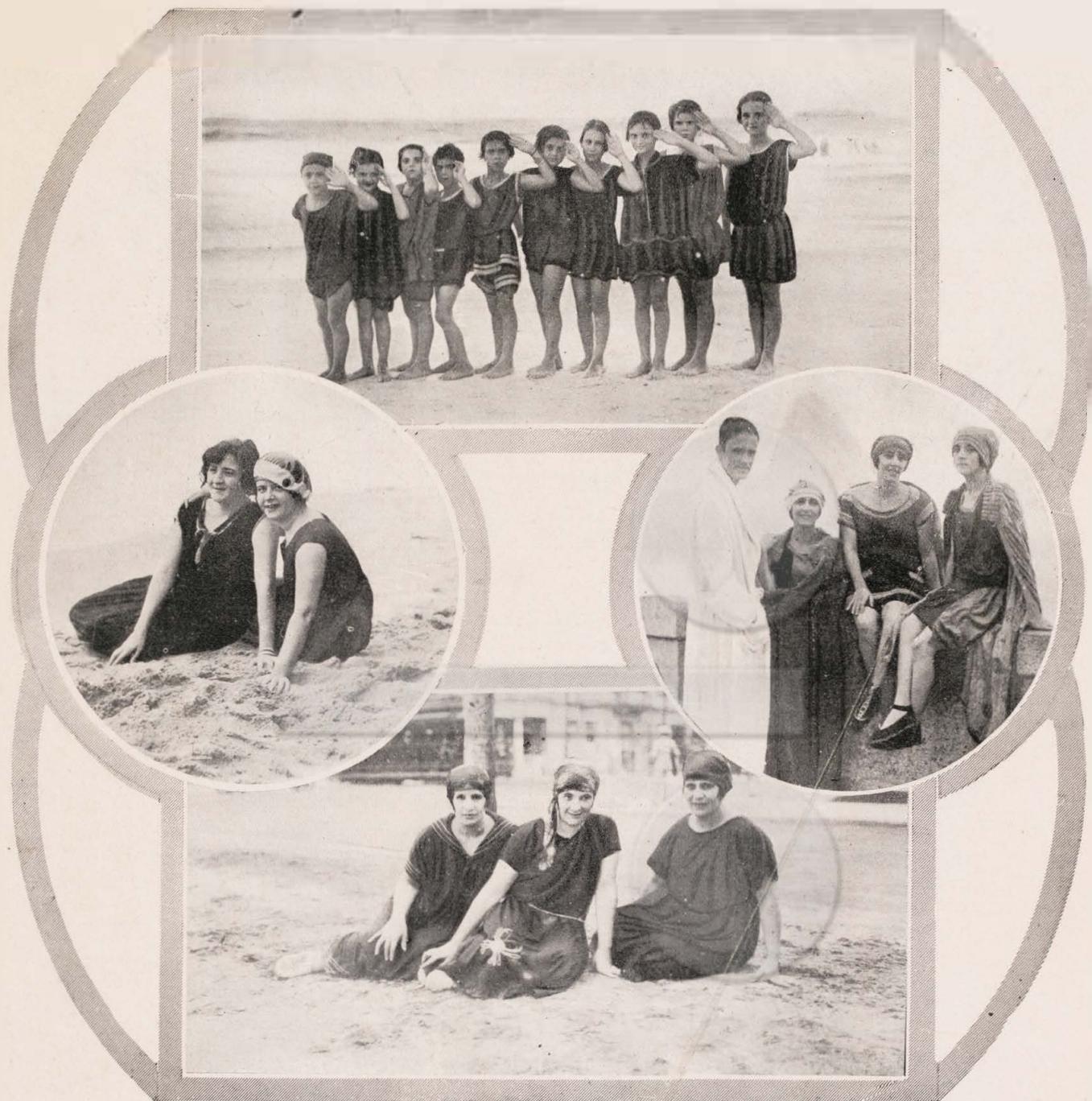
Nas reformas e reorganizações tentadas ou executadas sob as presidencias paulistas, o interesse local ou o criterio provincianista não logra impressionar as decisões e os descortinos daquelles a quem cumpre zelar pelo todo acima das partes, pela Communitade, acima das communes...

E' uma questão de ethica politica e educação domestica. Polidez e politica têm uma origem commum...

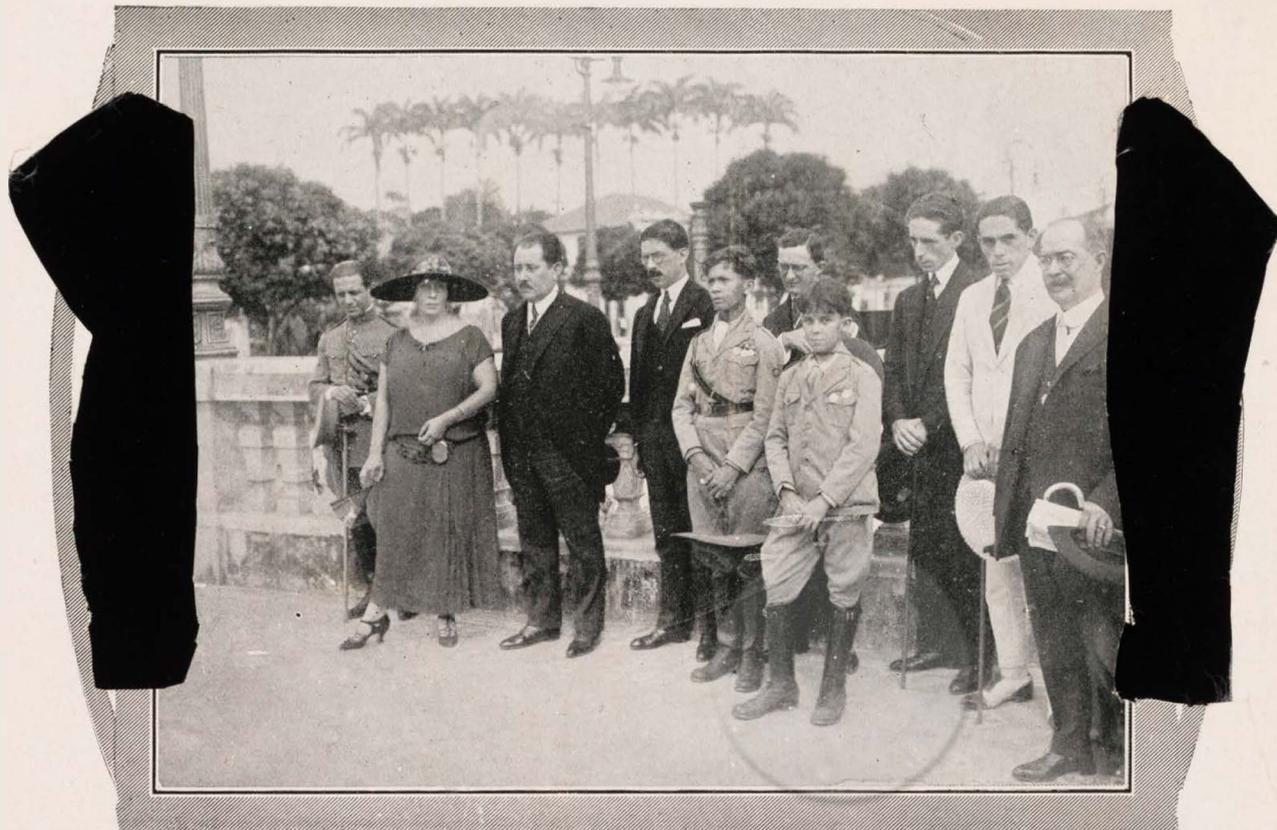
O destino do grande Estado da Independencia tem nas circumstancias e coincidencias da sua fundação o motivo essencial do seu predestino direccional.

A primeira casa de um arraial, sitio ou logarejo, é, ás vezes, a semente de uma grande cidade metropolitana. Assim, ha cidades que nascem de um barracão, de um curral, de uma fabrica, de uma mina, de uma represa. A semente de S. Paulo foi um collegio, como accen'uou um dos nossos escriptores modernos. Da semente de um collegio de Jesuitas nasceu a cidade “mais civilizada” do Brasil. O Rio é, sem duvida, a maior, a mais bella, a mais importante e mais maravilhosa. S. Paulo, não obstante, é a mais civilizada, a mais organizada, mercê daquella semente de cultura que foi a sua origem historica.

Talvez, por isso, os homens de S. Paulo, no governo ou fora do governo, são cavalheirescos e educados, desprendidos e superiores...



O mar gosta das meninas...
— Que bom gosto que elle tem !
As ondas esmeraldinas,
As ondas que vão e vêm,
Julgam que as lindas meninas
São as antigas Ondinas :
E o mar accende as narinas...
— Elle é pirata tambem.



Scoteiros que realizaram o raid de Florianopolis a Nictheroy, na missa campal, em companhia de S. Ex. o Snr. Presidente do Estado do Rio

EMBAIXADA ITALIANA



Recepção de S. Ex. o Snr. Embaixador General Badoglio



NA PRAÇA DUQUE DE CAXIAS

PALACIO DO ITAMARATY



Banquete oferecido a S. Ex. o Snr. Embaixador italiano

BIBLIHETRES DA PAULICIA

Quando a edição da noite do "Estado de S. Paulo" se recolheu aos bastidores por haver cumprido a missão que se impuzera, Pedro Cunha, um de seus redactores, viciado já naquella vida estafante mas seductora — porque o jornalismo é como certas mulheres que nós amamos porque nos fazem soffrir! — resolveu fundar um vespertino que substituisse aquelle e o tirasse da ociosidade forçada em que vegetava. E, rumiando esta idéa, percebeu um dia que o Olival Costa também andava pensativo e nervoso como quem traz em gestação no cerebro um turbilhão de idéas e de planos. Que seria? Approximou-se e fallaram. Fallaram e sahiram dalli á procura do Mariano Costa, Léo Vaz, Abelardo Cezar Vergueiro, Antonio Figueiredo e Julinho Mesquita e, após uma conferencia demorada, resolveram fundar a "Folha da Noite", com a condição essencial de que ninguém visaria lucros... enquanto os lucros não apparecessem.

E a 17 de Fevereiro de 1921, com uma tiragem de 3.000 exemplares surgiu o novo vespertino (o Olival na direcção, Mariano na gerencia e Pedro Cunha na secretaria), impresso a credito nas officinas do "Estado".

Tres dias depois a recém-nascida teve o primeiro ataque de sarampo. Pedrinho, trazendo ainda no cerebro todas as idéas do fallecido "Estadinho", queria perpetuar na folha incipiente o seu estylo de sala de visitas, cheio de ceremonias e gentilezas, publicando artigo de fundo massisso e dogmatico, notas conselheiraes e graves e até — que Deus o perdoe! — sonetinhos Pyricos e triolets babosos.

O Olival pulava :

— Você está louco?! Isso então é jornal? Não senhor! Soneto! Mas quem é que quer saber de soneto?! Artigo sério!... Mas para que artigo sério? Para um povo que gene o anno todo sob os impostos e para os politicos que não levam a sério coisa nenhuma?! Nada! Na primeira pagina — jogo de bicho! Sim, senhor! Jogo de bicho na primeira pagina! O bicho é uma instituição mais séria que dez parlamentos reunidos! Dar conselhos aos politiquieiros é uma coisa tão inbecil como ensinar grammatica a um crocodilo! Nada disso! Nós precisamos de trôga! Se até agora os conselhos não serviram de nada, vamos á vaia! A' vaia do assobio e da pedrada!

Mas o Pedro não concordava com essa "orientação desorientada". E tanto discordou que abandonou a redacção; "foi-se a primeira pomba"...

Dias depois... "foi-se outra"... E esta foi o Léo Vaz, que, não concordando com a pancadaria que a "Folha" desancou num livro de Sud Menucci, "foi-se do pombal, apenas raiou sanguinea e fresca a madrugada" de 15 de Abril!

Mas o Pedro voltou; e já se dispunha a trabalhar com denodo e fidelidade, quando... a pequena teve o terceiro ataque de sarampo! Tendo-se dado um crime celebre, o Pedro foi a um delegado amigo e pediu um relatório do caso; a autoridade accedeu cavalheirescamente, o Pedro entrou pela redacção banhado em jubilo e suor, e mandou o original para a officina. A' noite sahiu a noticia da tragedia, occupando quasi uma pagina, com a biographia do as-

sassino e da victima, notas de reportagem, clichés e, no fim, o relatório do delegado incumbido do caso. O Pedro sorriu. A princípio sorriu de alegria, mas logo es e sorriso se tornou amarello e funebre. E' que, pouco adiante, a "Folha" desancava ferozmente o delegado porque, dizia, o seu relatório era um attestado da sua incompetencia! E no dia seguinte o Pedro, mais uma vez, tomou o chapéo e desapareceu pela porta!

E quando, depois de quinze dias de attribulada existencia, foram ás officinas effectuar o pagamento, verificaram, com pasmo e dôr, que o jornal só houvera dado despesas; mas, para que a "creança" não fallecesse em tão terra ilade, cada redactor, heroicamente, arrancou do bolso duzentos mil réis que foram o oleo camphorado da agonizante e que a arrancou de vez ás garras inexoraveis da morte.

E desd'ahi, a "Folha" vem rindo desbragadamente de tudo e vencendo galhardamente as campanhas em que se empenha. Certa de que "ridendo castigat mores", o popular vespertino paulista é, hoje, o unico jornal humoristico da imprensa brasileira, constituindo uma verdadeira "creação" no nosso jornalismo, pois, se o riso é ainda a melhor arma de combate, em literatura, a "Folha" não tem feito outra coisa senão combater a gargalhadas.

Já Eca de Queiroz, iniciando a sua formidavel "Campanha alegre", bramia sarcasticamente :

"Parlamentos, ministerios, ecclesiasticos, politicos, exploradores, estão de pedra e cal na corrupção. O áspero Veillot não bastaria; Prondhon ou Vacherot seriam insufficientes. Contra este mundo é necessario resuscitar as gargalhadas historicas do tempo de Manoel Menes Enxundia. E mais uma vez se põe a galhofa ao serviço da justiça".

E mais adiante :

"Vamos rir, pois. O riso é uma philosophia. Muitas vezes o riso é uma salvação".

Para a "Folha" o riso tem sido o seu mais forte elemento de victoria. De victoria, sim, pois ali estão as campanhas sustentadas por ella durante estes tres curtos anno, para o provar : "A questão do asphalto", "a Faculdade de Medicina", "Serviço Sanitario", "Grandes Hoteis", "Escola de Pharmacia", "Empregados Ferroviarios", "Encampação do Caminho do Mar"...

Já não é alguma coisa!

E'. Pois tendo começado com pouco mais de 2.000 exemplares, comemorou seu terceiro anniversario ja com 20.000!

E toda a redacção, hoje, inclusive o Pedro, está firmemente convencida de que o riso tem outro valor, além de desopilar o figado... Porque um politico pôde, muitas vezes, perdoar uma calunnia; mas uma gargalhada, nunca!

E por falar em colher de páu : o mono...mento a Bilac sãe ou não sãe?

B. B. B.

O TOLO SABIO

E STA' deante de nós o Sr. Martin McKay, bello rapaz de vinte e quatro annos, construcção de athleta, barba cerrada, mas olhos e bocca a lembrarem os de uma criança. Convem dizer, entretanto, que, apuzar da sua delicadeza de maneiras, do seu eterno sorriso e do seu todo de amabilidades, poucas pessoas haveria capazes de o ludibriar. Era empregado de confiança de uma firma, Clay Clay & Comp., fornecedora d'energia electrica, a segunda grande organização da Europa, no seu genero. As suas funcções no emprego eram delicadissimas, pois era elle a despeito da sua pouca idade, mas pela intelligencia e personalidade, o encarregado sempre do principal papel nos negocios da casa, em que as forças da persuasão tivessem de ser postas em jogo.

Quando a nossa historia começa recebe elle o inesperado aviso, da bocca do gerente geral, para seguir immediatamente para Paris, sem pestanear nem interromper o bello sorriso complacente e sardonico que nunca o abandonava.

— E de que missão m'vae encarregar? indagou.

— Da mais espinhosa de todas que até agora você tem levado a cabo, embora pareça muito simples. Queremos que compre para nós quinhentas accções da Kenley Light and Power Company.

— Está direito, Sr. Howland. Desde que eu não tenha de as comprar com o meu dinheiro.

O Sr. Howland, o gerente geral, assumiu uma attitud' paternal.

— É preciso, é necessario, Martin, que nós tenhamos um interesse de "controle" sobre a Kenley. Economizariamos perto de cincoenta mil libras, se conseguissemos essas quinhentas accções. Ha um homem que tem quinhentas accções, mas não as vende, não quer ouvir "fallar" nisso nem "escutar" coisa alguma a respeito. Já fizemos sete homens em campo e todos voltaram sem nada ter conseguido. Alexandre Adams, como se chama o tal sujeito, pôl-os na rua. Não as cede por preço nenhum. Comprou-as a 75, já lhe offerecemos o dobro e nem assim. Agora vai você. Vá-se dentro de um mez as traz. Como recordação do seu feito o ordenado ser-lhe-á extraordinariamente augmentado.

Martin, não deu a conhecer a alegria que isso lhe causava. Limitou-se a perguntar:

— Tem alguma suggestão a fazer-me? O gerente meneou a cabeça.

— Faça o que melhor lhe parecer. Estão esgotados, de nossa parte, todos os recursos. Tenho confiança em você.

Martin chegou a Paris num domingo, quando o unico endereço do Sr. Alexandre, que se conhecia em Paris, um banco, estava fechado.

Era na Primavera. Os segredos romancescos occultavam-se nos recessos dos jardins e em cada angulo dos boulevards floresciam as mesmas visões chimericas e fantasticas, enquanto Martin a caminhar pelas ruas se occupava de preferencia em examinar os parisienses. Parecia-lhe que todos elles andavam de chapéo trocado. Aborlram-no logo de entrada dous sujeitos amáveis a quererem acompanhá-lo, mas elle tinha pouco jeito para otario e rapido se desembaraçou d'elles.

O domingo acabou por aborrecel-o, pois, além de não conhecer ninguém em Paris, não trouxera carta alguma de apresentação. Resolveu pois, Martin dar uma passio pelo Bosque, depois do lanche, a ver se estava longe de ser a maravilha que lhe haviam contado, como elle já suppunha que seria. Mas, enquanto caminhava, começou a chover.

Possuindo escassos conhecimentos de francez, pouco lhe adiantava ir a um theatro. De cinema não gostava. Teve assim de se contentar em ficar na sala de visitas do hotel a escrever cartões postaes e a mergulhar o espirito na literatura que se encontra nas bibliothecas dos hotéis.

Jantou sozinho, melancolicamente. Fumou, deliberou, bocejou. Não tinha sono. Apenas um fim enfado e um desconsolo mortal. Por fim levantou-se com dignidade e foi fallar á gerencia.

— F' favor guardar-me no cofre estas coisas, disse elle.

E depois de dar o relógio, a cigarrreira, a carta de credito e a maior parte do dinheiro que trazia, acsr sentou:

— Agora, diga-me, aonde posso eu ir gozar esse alegre Paris de que tanto se falla?

Se uma tal pergunta não tivesse sido feita com um dos seus taes bellos sorrisos, qualquer pessoa com sangue francez n's veias, o esborrhacharia no mesmo instante.

A meio caminho de Montemartre ha uma praça que no francez dos turistas se chama muitas vezes "Praça Pig-Alley". A uma esquina dessa praça existe um cabaret muito conhecido, cheio de dourados e pellicias vermelhas, com jazz-band, um rectangulo para se dançar, do tamanho de um lençol, champagne illimitado e cerca de noventa centimetros cubicos de ar para cada pessoa.

Já passava da meia noite e o enthusiasmo ia chegando ao auge. Fulguravam as luzes, o recinto da dansa regorgitava, enquanto as rolhas de champagne estoiravam incessantemente e o jazz gemia um fox-trot doce e melancolico. Mulheres de Peckham arregalavam os olhos para outros mulheres, de Liverpool, sussurrando aos maridos "Olha que... escandallo! Bem se vê que são francezas..."

Tinham-se distribuido balõezinhos de gaz, coloridos, que se atiravam de umas mesas para as outras com grandes gargalhadas. Haviam tambem uma especie de assubio a quem quizesse acompanhar os guinchos do jazz, e quasi toda gente queria. Havia confetti e serpentinas, e de toda a parte se ouvia o mesmo grito: Paris! Paris! Isto é que é Paris!

Ao fundo estava o proprietario e na frente ficou Martin McKay meio atordoado com o barulho, e meio asphyxiado tambem, sentado, a olhar cautelosamente para uma moça.

Sceptico empedernido que era estava convencido de que o "alegre Paris" era apenas um logro para os inexperientes. A elle não o enganavam. A praça Pig Alley era uma coisa inventada puramente para turistas.

Só uma idéa o preoccupava, que era a probabilidade daquelle pessoal estar julgando que elle ia no arrastão daquelle falso meio. Assim, para afastar essa probabilidade tratou de assumir um sorriso que considerava sufficientemente ironico e zombeteiro para a occasião.

Divertia-o muito ver tanta gente tapeada. E aquella moça então, que occupava a mesa ao lado, havia mais de trinta minutos que apresentava symptoms alarmantes. Mais cedo ou mais tarde, ella puxaria conversa com elle.

Emquanto isso, tratou de examinal-a bem. Era pequena, lindamente proporcionada, delicada, sem ser franzina, cabello negro le azeviche, olhos da mesma cor e a pelle clara como a fulgurante illuminação da sala. Estava penteada á moda de 1840 e, como unico adorno, tinha um collar de perolas que, se fosse verdadeiro devia valer uma fortuna. Além de tudo, parecia uma pequena comportada. Só tinha tomado um refresco inoffensivo, já recusára graciosamente quatro cavalheiros que a tinham convidado para dansar, e não brincava com os balões nem assobiava a acompanhar o jazz-band. Estava muito quieta no seu logar. Mas, o que estaria fazendo uma pequena séria, sozinha, á uma hora da madrugada, naquelle alegre cabaret?

De subito, como elle previra a moça fallou-lhe:

— Desculpe, mas o senhor é mglez, não é?

A voz dizia admiravelmente com o todo della, mas a pergunta é que não dizia com o todo de Martin. Já a ouvira muitas vezes, nesse dia, nos boulevards.

— Oh! Não! disse elle, em tom amigavel mas firme, sou senegalez.

Elia riu:

— Não parece. E que eu estou numa situação terrivel.

— Não se amofino, senh'rita, tornou elle benevolente, com o que lhe possa ter acontecido... O que foi?

Elia estudou-o por um momento, depois fallou:

— Estavamos quatro pessoas no Cirque de Paris. Perdimo-nos na multidão. Haviamos combinado vir hoje aqui e por isso é que eu vim, mas ha mais de uma hora que cheguei e nada? E ha aqui importunos, além de que o garçon já me disse que não posso occupar a mesa por mais tempo se não mandar vir champagne. Ora, todo o dinheiro que eu tenho são vinte francos, e...

Martin sorriu meigamente, respondendo:

— Quer dizer... Eu é que devo mandar vir o champagne e pagar-lhe a condução para casa, não é?

Elia corou.

— Mas é que eu não sei onde móro!

— Mão, mão! disse Martin comsigo.

Elia era adoravel, mas alguma aventureira sem duvida. Paris era assim mesmo. Elle bem sabia que os paratas encasacados, que sabem trabalhar, empregam dessas se-reias para attrahir os incautos.

— É verdade. Cheguei hoje de Londres. Poram esperar-me á estação. Estou no commodo de uma amiga, mas foi tal a balburdia que nem vi o nome da rua! Ou...

— Talvez se possa ver no livro do telephone, suggeriu Martin consolador.

A moça meneou a cabeça.

— A minha amiga só a semana passada alugou o commodo, e ainda não tem telephone. Sé amanhã ou depois. O logar fica perto da Etoile. Conheço a casa se a vir, mas como é que vou procural-a a estas horas da noite?

Martin sorriu de novo, satisfeito á idéa de que ella o largaria logo se soubesse como elle era precavido e como estava sem dinheiro grosso naquelle momento.



Quando é o feliz dia? Perguntou o tio Alexandre.

Se o caso fosse commigo, disse elle, ia para um hotel e de manhã procurava os meus amigos.

— Mas sem dinheiro? In-ven estar assustadissimos e eu tenho de enconral-os hoje mesmo.

— Não tem mais conhecimentos em Paris?

— Tenho um primo que tambem estava com a gente, mas todos os endereços estão num livrinho, o livrinho dentro de uma bolsa e a bolsa em casa. Elles fallaram num chá no Ritz amanhã. Mas, daqui até lá? Enfim... Tenho confiança no senhor.

Houve uma pausa, depois da qual elle fallou, brandemente:

— Em qualquer caso, se está mesmo afflicta, ha de enconral-os esta noite ainda. Garanto.

— Era bem bom! disse ella.

Mostrava um tal ar de innocencia, naquelle momento, que Martin, apuzar da frieza que manifestava, estava quasi a acreditar nella. Mas, nesse instante, ouviu-se uma voz de homem "Mary", e o rapaz, voltando-se, teve logo seus pensamentos em diverso rumo. A rapariga quasi o embrulhara.

Quasi! Mas o parceiro della, a quem ella acolhia com ovilentes mostras de alegria e delirio, esse não enganava.

Era um typo desses de melodrama. De meia idade, barba azulada, e hombros vigorosos. Vinha vestido com bastante origi-

O decalogo de Pola Negri

CURIOSIDADES

Pola Negri, o idolo dos dois continentes, que esteve a ponto de casar com Carlito, ditou a um diário a nte-americano o seguinte decalogo.

Depois de o ler, devemos concordar em que Carlito não pensou mal as coisas, quando evitou vir a ser o marido de uma creatura que sabe tanto da vida...

I — Desconfiae das paixões repentinas.

II — Tratae de dar á voz, sempre, uma entonação de amabilidade.

III — E' da maior conveniencia ser attraente. Coquette mesmo, se fôr possível.

IV — Não esquecer o perfume, e escolhê-lo com tacto.

V — Praticae a indiferença. As scenas de ciúme calculadas resultam praticas.

VI — Não se deve alterar a expressão do rosto.

VII — Observae a vida e o temperamento dos que vos rodeiam.

VIII — Não arruineis vosso temperamento, exaggerando a paixão.

IX — Se tendes verdadeiramente paixões artisticas, casae com quem possa apreciá-las e compartilhá-las.

X — Deve-se visitar com frequencia a pessoa amada, porque o coração humano tem muito má memoria.

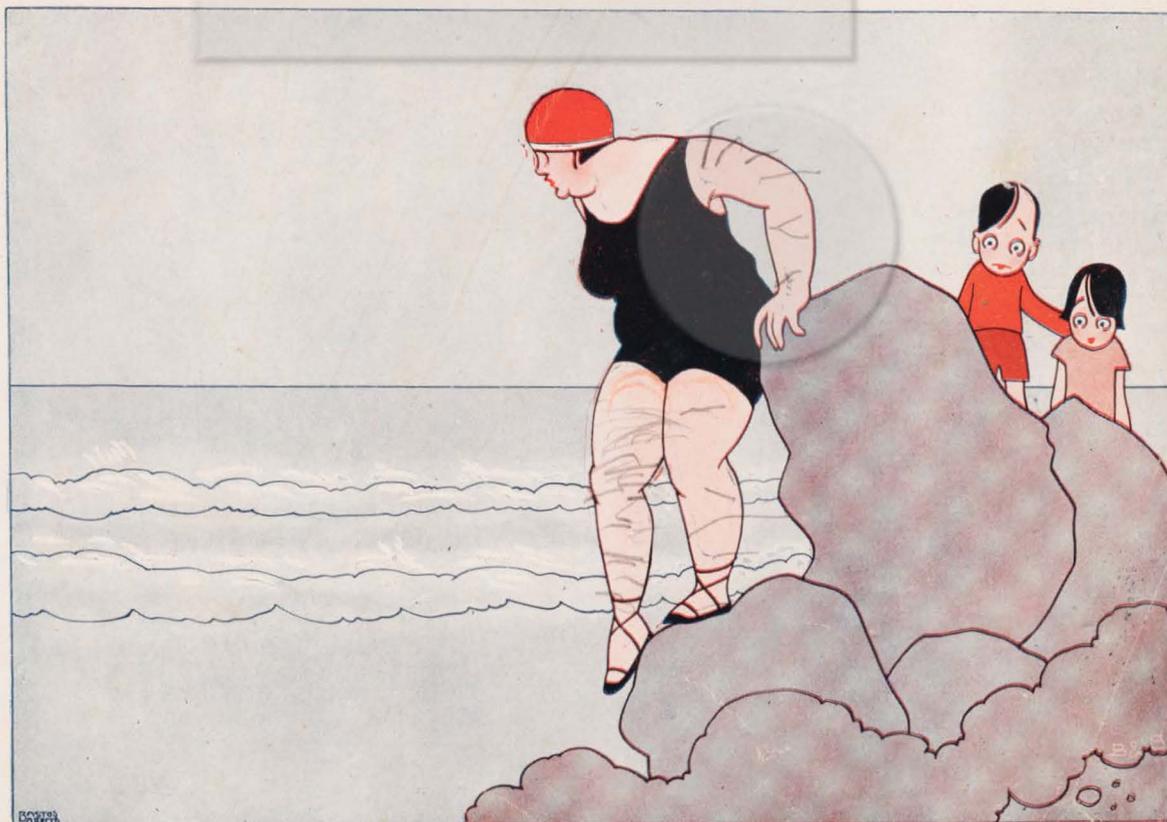
POINCARÉ — POETA...

Foi uma revelação que de certo modo encheu de espanto o mundo literario francez, essa de Poincaré poeta... Nunca ninguém suppoz que o illustre politico francez, homem, por força da profissão, nada sentimental e pouco expansivo, tivesse tambem um dia cometido o feio crime de sacrificar ás Musas... Pois Mr. Poincaré, na mocidade, incorreu como quase todos nós na sanção desse horroroso delicto...

Les *causeries du jeudi*, uma revista que acaba de apparecer em Mulhouse, na Alsacia, transcreve todo um poema datado de 1880, quando Poincaré o publicou no *Coup d'aile*, jornal dos alumnos do Lyceu Janson de Sailly. Eis aqui uma das tres estrophes que compõem esse poema:

*Nos meilleurs vers sont dans nos cœurs,
Les autres sont des invuides.
Car les mots, ces infins moqueurs
Qui haudent les cervelles vides,
Réservent toutes leurs rigueurs
Pour le poète aux yeux humides.*

Gracas a Deus, o poeta *aux yeux humides* não tarlou em pendurar a sua lyr. monoton a um ramo do loureiro sagrado. E mercê desse gesto heroico e sublime é que a França hoje, se sente orgulhosa e feliz em saudar no seu presidente de Conselho uma das mais puras glorias da politica internacional contemporanea...



Dá o fóra, Lili, que o oceano vae transbordar !...

CABEÇAS



LEYES...

DA dias, num bonde, duas encantadoras normalistas, conversavam com entusiasmo, alvoroço e graça, em torno de um assumpto que se vaie tornando por demais sedigo. Fallavam dos actuaes cabellos curtos que ellas, bizzarramente, agora trazem para delicia propria e das thesouras dos barbeiros...

O assumpto apezar de velho, chamou-me a attenção. E muito mais por vêr que as duas interessantes filhas de Eva tambem possuiam cabellos curtos e estavam escaandalosamente pintadas...

Uma dellas versada em Schopenhauer, talvez conhecendo do philosopho allemão, unicamente, aquelle dizer "que as mulheres são uns animaes de cabellos compridos com ideas curtas", dizia muito mal dos homens, ao passo que a outra, mais gentil, menos fogosa em conhecimentos schopenhaurianos, dizia muito bem de nós outros, filhos de Adão...

— Ah, os homens são umas creaturas muito complicadas... Difficilmente os comprehenderemos... Quando usavamos cabellos compridos tinbamos ideas curtas, agora que possuímos cabellos curtos...

— Temos idéas curtas...

— Porque?

— Porque varia a moda dos cabellos, mas não as idéas...

O dialogo ia nesse pé, quando o bonde, com muito pezar meu, parou em frente á Escola Normal, descendo as duas lindas creaturas de cabeças leves... Eu as olhei ainda muito tempo... até desapparecerem pela porta larga da Escola...

E não pensei mais nellas, mas pensei em todas as outras cabeças leves... A moda pegou mesmo... Da mais simples costureirinha á mais aristocratica das flôres de estufa; da mais pura das donzellas á mais impura das flôres do vicio, todas ellas trazem á mostra, num requinte de breigeirismo seductor, a nuca alva, macia, sensual...

Todas uzam agora cabellos curtos. Desde as meninas casadoiras que se bamboleiam em requiebro lubricos ao som de maxixes no Splanada-Hotel, no Trianon, no Mappin, no Automovel-Club, até aquellas pobresinhas operarias, de fabricas, que dansam nos clubs do Braz...

E não se diga que são só as solteiras, não; até as sebhoras casadas, mães de muitos filhos, que, nesta vida já

"dobraram o cabo da bôa esperanza", todas ellas se irmanaram para a derrocada, sem nome, dos seus cabellos...

Ha dias, ao penetrar no consultorio de um medico amigo, fiquei espantado ao ver uma senhora gorda, de pelle adiposa, talvez perto dos 50 annos, com os seus cabellos de côr desbotada, cortados á ingleza, deixando ver na nuca uma enorme cicatriz...

Tive-lhe horror... mas como aquillo era a manifestação de um capricho da moda, dessa diabolica esthetica que para Osear Wilde, "é uma forma de fealdade tão horrivel que cada seis mezes temos que modificall-a", achei que ella, velha e feia, tinha razão em trazer os cabellos cortados...

A demais ella mostra assim que tem horror aos annos e que, a mocidade, como já accentuou o conselheiro Aecacio, é a unica cousa bella da vida...

Em toda a mulher ha sempre uma promessa de felicidade... De modo que, em sabendo disso, ella procura sempre refinar-se no melhor modo possivel para nos prender, seduzir, arrebatar. E, depois, convenhamos com o Visconde Santo Thyrso, "a illusão é a unica cousa que tem realidade objectiva".

As mulheres deste "seculo das luzes", meio cançadas, meio diabolicas, com um pouco das "semi-irgens" de Prevot e um pouco das depravadas de Felicien Rops, que se "maquillam" ardorosamente num desvairado meneio de gozo e sgerificio, têm que, forçosamente, ser isto que por ahí anda, fructo de uma civilisação requintada...

Afinal ellas fazem bem. En não as reprovoo por isso... Porque, em verdade, sejamos justos: a mulher que se "maquilla", que uza cabellos cortados á ingleza, ou que traz á mostra numa elegancia de vestuario, os seus corpos divinamente nús, mostram que tem a noção perfeita da economia, da hygiene e da belleza...

E quanto aos cabellos estes só servem para inspirar os poetas, esses divinos loucos, que encontravam sempre nas cabelleiras negras, fulvas, castanhas, ruivas, loiras, um motivo de eloquente inspiração, de suprema tortura de rimas.

Um dos mais lindos sonetos de Frota Pessoa que se tornou popnkarissimo, é aquelle em que elle falla num "rouxinol de tranças"... Hoje, se o poeta existisse e se visse a mulher que o inspirou já não a chamaria "rouxinol de tranças", mas apenas "franga depennada"...

Fernando Callage.



Sua Magestade a Moda

Voltou, em Paris, a moda da *écharpe*. A proposito, Madelyne, chronista elegante do "Excelsior", escreveu uma chronica encantadora, em que enaltece as virtudes praticas desse gracioso adorno feminino.

"O modo de enrolal-a ao pescoço — diz Madelyne — crêa uma personalidade".

Realmente, nada mais gentil, numa mulher, do que uma linda *écharpe*, de crêpe da China ou de kasha, envolvendo-lhe deliciosamente o pescoço.

A *écharpe* continúa a ser, portanto, apesar do abandono a que a quizeram votar os grandes costureiros da rua de la Paix, um accessorio indispensavel, quicá da maxima importancia, do guarda-roupa das senhoras. Paris acaba de lançar uma modalidade nova desse adorno: o genero "sport", que tem o condão de remogar, a acreditar-se nas palavras subtis da fina Madelyne...

Fizeram furor, ultimamente, na "Cidade-Luz", as *toilettes* com que Suzy Prim e Regine Flory appareceram, respectivamente, na peça de André Pascal — *Héritage* — e na revista — *C'est pour rire*, o ruidoso successo do theatro de la Potinière.

Suzy Prim foi vestida por Jeanne Lauvin, numa magnífica *robe du soir*, um *déshabillé* em sêda elolsy banana e num *manteau* verde amendoa, com os quaes ella atravessa os tres actos do drama de Pascal.

Regine Flory appareceu, no primeiro acto, numa maravilhosa *robe en lamé violet*, guarnecida de rendas douradas. No segundo, ella deslumbrou os espectadores com um esplendido costume em *tulle blanc brodé strass sur fond rose très court*.

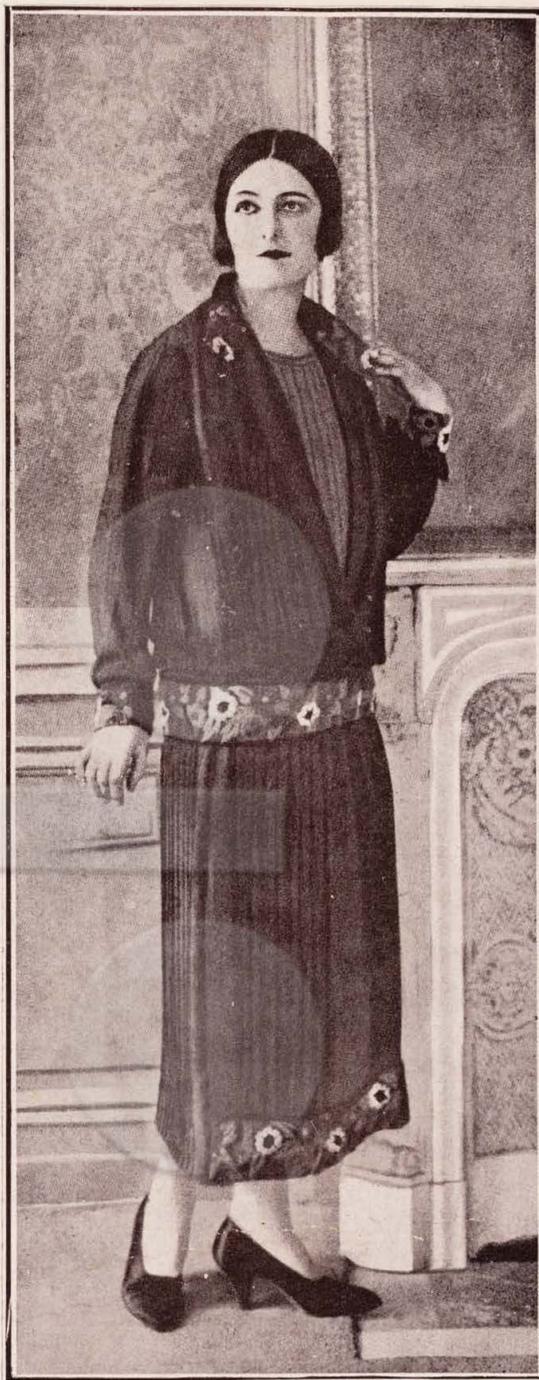
E ahí têm as nossas amaveis leitoras as novidades mais palpitantes de 1924, em Paris.



ROBE DE STYLE, Por Boué SŒURS — Paris



TAILLEUR D'APRÈS-MIDI



ROBE D'APRÈS-MIDI

Créações de JEAN PATOU — Paris

Possuir um predio !

Quem nos tempos de hoje possui uma casa, é rico...

Alguem haverá que não queira possuir a sua ?

A **Companhia Brasileira de Immoveis e Construções** facilita esse ideal, permitindo a aquisição de predios mediante o pagamento de prestações mensaes equivalentes ao aluguel !

Construi o vosso predio !

Uma vez pago o terreno, tambem em prestações, o edificio vos será entregue, cuidadosamente acabado, sem joia inicial alguma e passareis então a pagal-o em prestações mensaes sem sobrecargas de orçamento visto com elle substituir o aluguel que pagaveis.

Terrenos nos pontos mais amenos e saudaveis da cidade.

Dirigi-vos sem demora á



Predio construido pela Companhia á Rua da Cascata n. 11 -- TIJUCA

COMPANHIA BRASILEIRA DE IMMOVEIS E CONSTRUÇÕES

Av. Rio Branco n.º 48 - Rio

CAPITAL 6.000:000\$000

MOVEIS



TAPETES MODERNOS

COM
LINDOS DESENHOS

Qualidades Finissimas
Grande Variedade

Visitem o nosso palacete
ENTRADA FRANCA

MAPPIN STORES

Rua Senador Vergueiro, 147

MOVEIS

MAPPIN

MAPPIN